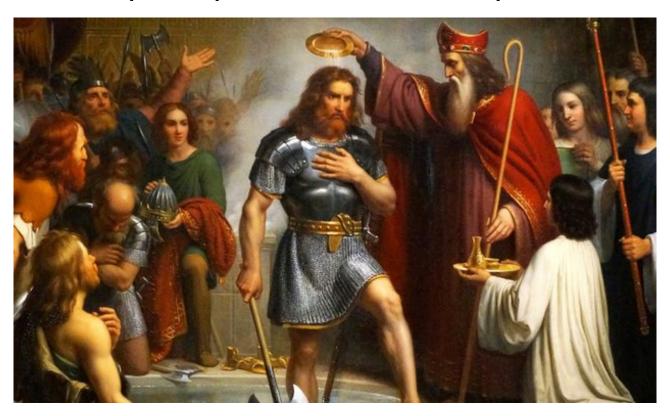




Autor: Carvalho

Papas e imperadores na Idade Média - parte I



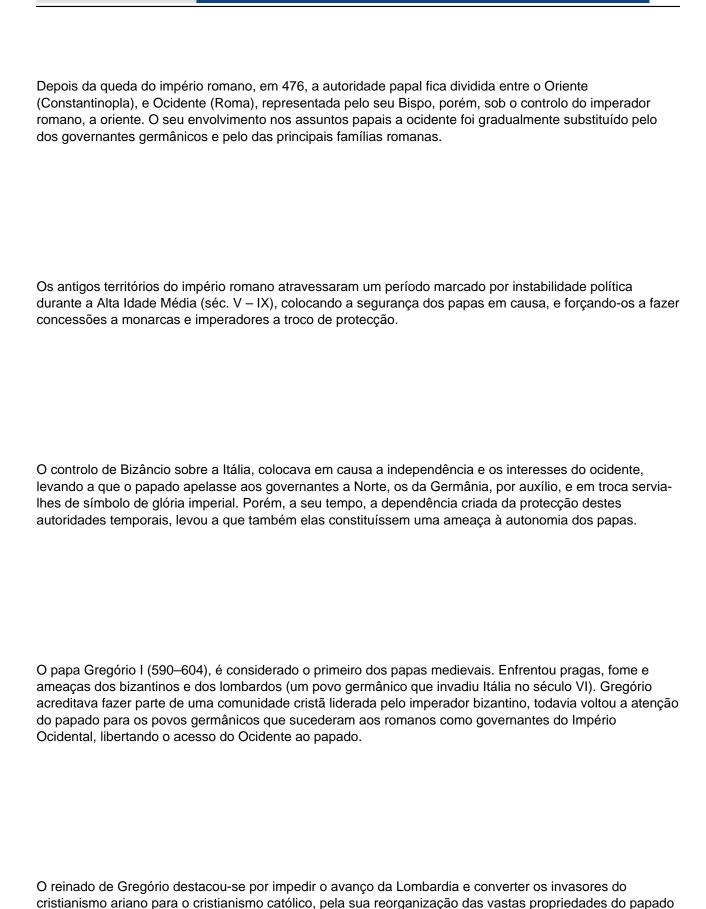
Começo hoje uma série de textos sobre os papas e os imperadores na Idade Média. O artigo que se segue é o primeiro e debruça-se sobre o período que vai da queda do império romano até à aliança entre o Pepino, "o Breve", e o Papado.

O Papado, cargo ocupado pelo papa como chefe da Igreja Católica, inicia a sua estruturação no ocaso do Império Romano do Ocidente, sendo comumente aceite que os primeiro papas eram eleitos pela população local e por membros do clero. Uma vez que as eleições nem sempre eram pacíficas e frequentemente requeriam a intervenção imperial, os imperadores assumiram o controlo das eleições.

1/4







e pela sua contribuição para o desenvolvimento da espiritualidade medieval. Do seu legado intelectual e

2/4





espiritual salienta-se a obra *Moralia em Jó*, e o processo de evangelização empreendido por ele em Inglaterra. Foi ainda responsável por afirmar e reforçar o argumento do papa Leão I, em como o papado herdou a plenitude do seu poder do apóstolo Pedro, o mais relevante de todos os apóstolos de acordo com a Igreja Católica. Contudo, apesar da crescente afirmação do poder do papado, a sua situação permaneceu incerta, quer quando o império bizantino se retirou da Itália, quer com a permanente ameaça dos lombardos a Roma.

A situação piorou no século VIII, quando Leão III, restaurou a fortuna bizantina ao reverter um ataque árabe do leste. Leão reorganizou o império, impôs novos encargos tributários aos seus súbditos italianos, interveio em questões doutrinárias, pronunciando, sem aprovação papal, uma política de iconoclasmo. É neste contexto de novas políticas fiscais e religiosas imperiais, e de apoio limitado contra os lombardos que levaram o papado a procurar um novo protector.

Em 739, o papa Gregório III (731-741) apelou a Charles Martel, o *maior domus* franco do palácio austrasiano. Este cargo correspondia ao poder político efetivo no reino dos francos. Esta súplica não obteve resposta, porém, quando os lombardos ameaçaram Roma novamente, o papa Estêvão II (ou III; 752–757) fugiu para o reino franco e emitiu nova solicitação a Pepino, "o Breve", filho de Charles Martel, que em 751 se tornara o primeiro rei carolíngio dos francos, através de um golpe de estado. Desta vez, o pedido fora aceite.

Assim, em 754, o papa Estevão coroou e unguiu formalmente Pepino, levando o rei a dirigir-se para sul com as suas tropas para restaurar a autoridade papal na Itália central. A unção era um acto reservado apenas a sacerdotes, e a sua aplicação a Pepino demonstrou o apoio do papado ao seu governo. Esta é a primeira investidura como soberano por um pontífice.



O rei também emitiu a Doação de Pepino (756), onde doa todos os seus territórios ao papado, caso que terá, provavelmente, inspirado a elaboração do documento Doação de Constantino, onde se afirmava que o primeiro imperador cristão, Constantino, concedera o controle do Império Ocidental ao papa Silvestre I. Esta aliança estabelecida entre Pepino permitiu ao papado soerguer-se, contudo, integrado e dependente dos interesses das monarquias.

NICHOLAS, D. (1999). Governo e política: imperadores e papas. In *A Evolução do Mundo Medieval.* Sociedade, governo e pensamento na Europa: 312-1500. Lisboa, Publicações Europa-América.

Data de Publicação: 29-07-2020

4/4